



ÉLIDE MONZEGLIO

Júlio Roberto Katinsky
Sylvio Barros Sawaya
João Carlos de Oliveira César

UMA VIDA

Recebi o recado de nossa última despedida, inesperadamente no domingo no fim da manhã, dizendo que seria velada até as três horas da tarde no Cemitério da Consolação. Apesar da dificuldade da comunicação, todos os membros da FAU estavam presentes: professores, funcionários, alunos e ex-alunos. Mas é claro, seus amigos, em sua maioria, não chegaram a ser avisados. Mesmo assim, uma boa parte teve de assistir à cerimônia a partir das portas de entrada da capela. O meu primeiro contato com Élide Monzeglio, professora que eu sabia de “comunicação visual”, foi no final de 1970, quando me encarregaram de organizar a exposição sobre a didática da FAU, para uma Bienal de Desenho Industrial na ESDI do Rio de Janeiro. Decidi, então, expor os trabalhos de alunos, professores e ex-alunos, pois parecia-me que discursos não supririam a real e efetiva didática de uma escola. Procurei-a, então, como a todos os outros, para que ela expusesse suas obras. A professora, timidamente, recusou, sugerindo que seus trabalhos não tinham o destaque necessário para figurar em uma exposição na qual expressasse a qualidade cultural da FAU. Só muitos anos mais tarde fui conhecer alguns (magníficos) desenhos de uma pessoa que colocou todo seu empenho na realização de seus alunos.

E é como eu a vejo hoje, depois de tantos anos, quando juntos trabalhamos por quase uma década na Comissão de Pós-Graduação, depois na diretoria, e quando se aposentou foi cuidar de suas disciplinas e alunos da pós-graduação, na organização da revista *Sinopses* (esta atrasada três anos quando começou a dirigir), tendo anteriormente contribuído muito com a elaboração e manutenção da *Revista Pós*.

Essas revistas são um capítulo à parte, pois era seu empenho que os trabalhos publicados deveriam estar inseridos em um campo gráfico e visual representativos da excelência com que ela via a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Também foi empenho seu publicar, em cada número, um “ensaio gráfico” de professores da FAU. Assim pudemos conhecer a atividade plástica de vários professores, que de outro modo dificilmente conheceríamos. Mas curioso, não me lembro de nenhum trabalho seu publicado nessas revistas. E sua produção intelectual, doutorado, livre-docência, permaneceu nos poucos exemplares exigidos pela regulamentação acadêmica.

Na verdade, ela se multiplicou em seus muitos alunos, tanto de graduação quanto na pós, e até em seus colegas mais próximos.

O poeta uma vez escreveu:

“Dos amigos, quem tão amigo

Para ir no caixão comigo”

Engano do poeta. Não só todos os amigos como até mesmo alguns inimigos com quem conviveu. Quando fui à Consolação, não consegui ficar especialmente triste: sabia que daqui para frente uma parte de mim ficaria para sempre naquele canto de terreno. E sei que todas as vezes que eu passar pela avenida, lembrarei de nós, e na vida maravilhosa que vivemos na Escola.

Júlio Roberto Katinsky

Professor Titular do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAUUSP.

ÉLIDE

No grande solar, casa nobre dos tempos do café, uma jovem, bonita, com guarda-pó branco, começava a fazer seus alunos, quase meninos, desentranhar das mãos e dos olhos os desenhos que seriam seus companheiros para o resto da vida.

la de carteira em carteira, falando com cada um, estimulando-os com seu jeito muito educado e atencioso; passadas poucas aulas já os chamava pelo nome, sabia como era o menino que estava à sua frente e, incansavelmente, criava situações para os desenhos irem saindo.

Eles saíam bons, mas para aquele menino de então que hoje aqui escreve, eram carregados, muito pequenos, com traços entrecortados. Era o ano de 1961, a política agitava, comovia, todos se empenhavam nas mudanças decorrentes. E a professora falou ao menino: *“como você, tão participante e que fala aos colegas, não faz um desenho que ocupe o campo inteiro, com traço contínuo, forte como nas ações que você participa?”*

Calou fundo, um papel canson grande foi escolhido e surgiu a bico de pena, traços plenos e incisivos, um desenho que ocupava toda a folha com o operário de construção no alto andaime. A professora fez muitos elogios e deu nota 10,0 e o menino, radiante, encontrou seu melhor jeito de expressar-se.

Esse desenho, assim como o de muitos outros alunos, foi guardado a vida inteira por aquela moça de lindos olhos azuis, nossa eterna professora, a dona Élide, como todos nós sempre a chamávamos. Ensinou-nos muito mais, ensinou-nos a ensinar, a mantermo-nos sempre jovens por meio de uma indagação inovadora constante, ensinou-nos a ver entre as muitas coisas do mundo, a arquitetura.

Está aí um traço importante – sem ser arquiteta de formação, talvez tenha sido dentre as pessoas que passaram pela FAU, quem mais compreendeu e reverenciou a arquitetura em sua essência. Trabalho

incessante que transformava os mais difíceis de seus orientandos em pessoas capazes e afirmativas. Havia uma grande mãe naquela mulher pequenina, gentil, determinada e cheia de energia.

Uma rainha habitou e deu sentido, por cinco décadas, à casa do conde. O casarão, já quase centenário e com sua restauração em andamento, ficou vazio. O sentimento pessoal e intransferível de cada um que pôde conviver ou mesmo ter notícia dessa professora querida e de suas “artes”, forma, no conjunto dos muitos que puderam ter este privilégio, um grande alarido. Uma manifestação de perda e pesar, mas também um agradecimento profundo aliado à vontade de manter a alegria que sempre a habitou e a qual continuará habitando esta casa com sua lembrança maior.

O lamento, o agradecimento, a presença viva permanecem em cada um e em todos nós, comovem-nos no sentido de movermo-nos em conjunto. O que fazer? Há o registro, a rememoração e a permanência desse percurso lindo, pessoal, a ser feito, elaborado e promovido. As iniciativas e formas recíprocas poderão ser várias, devemos selecioná-las e realizá-las.

Este texto, no entanto, entrevê também um outro rumo. É o de afirmar, categoricamente, que a dona Élide nos fez um pouco melhores, um pouco mais gentes, um pouco mais artistas, mais arquitetos, mais pacientes, atenciosos e atentos para com aqueles que nos procuram. Esta presença única que pudemos ter entre nós deixa, em sua ausência, enorme lacuna e propõe, na mesma intensidade, que possamos retirar dos ensinamentos recebidos e do exemplo dado os maiores estímulos para irmos em frente, procurando atingir novos patamares, sobretudo, nesta escola que nos abriga e a quem a professora Élide dedicou o melhor de si e a maior parte de sua vida.

Sylvio Barros Sawaya

Professor do Departamento do Projeto (AUP) e professor orientador do curso de pós-graduação da FAUUSP.

*Olhar e desenho
Percurso pela cidade.
São Paulo.
Imagens. Cenas.*

*Do Vale do Anhangabaú, subindo a escadaria do Largo da Memória.
Andando pelo Viaduto do Chá.*

É fim de tarde e as luzes se acendem.

Chegando no Largo da Misericórdia, como me oriento, para que lado?

*Entrando na Catedral da Sé.
O órgão entoando Bach.*

Passar pelas fontes da Praça da Sé, sentir o espírito das águas em dia de verão com o sol do meio-dia.

Controlando o vaivém dos meninos de rua nos jardins da Praça da Sé.

Entrecortando as pessoas na rua Direita, procurando espaço para caminhar e chegar até a vitrine do anúncio da loja, mas, qual loja? É a do anúncio?

Ver o “rosa chá” do Prédio Martinelli e jogar o olhar para cima redesenhando as linhas dos ornatos, das janelas, do alto do velho arranha-céu e sentir a rua São Bento a seus pés.

Entender as entradas e saídas do Edifício do Correio descendo a Praça Antonio Prado pelo começo da avenida São João.

Sentir o aroma que vem dos bares e querer um descanso, uma pausa que tem gosto de Cafezinho Paulista.

Tentar atravessar as ruas, as avenidas, esperar abrir o farol das faixas brancas no asfalto e, chamar-se de pedestre.

Perceber as árvores da Praça da República, desviar pelos canteiros do jardim no meio das barracas de artesanatos e dos camelôs discursando seus produtos.

Cheirar fumaça de ônibus, colocar óculos escuros, andar, andar, pegar o carro no estacionamento, enfrentar o trânsito, o tráfego,

*tudo parado, tudo começa a andar,
controlar a velocidade dentro das velocidades dos outros,
brecar nos semáforos,
desviar das motos que roncam,
conseguir ver os pedestres que de repente voam na frente do teu
carro.*

*Subir a avenida Ipiranga,
alcançar a rua da Consolação, poder virar na rua Maria Antonia, ir
em frente, sempre em frente,
passar pelo Mackenzie de seus prédios de tijolos, escutar o vozerio
dos estudantes pela rua,
percorrer um pedaço da avenida Higienópolis entre os edifícios de
apartamentos com seus jardins, contornar pela rua Sabará,
sempre prédios altos,
virar, virar, voltar a ver o Mackenzie,
e,
aí está a rua Maranhão.*

*Chegar finalmente no casarão,
que está no meio do quarteirão, ar de velho, mas majestoso,
desafiando as alturas de seus vizinhos de lado,
os andares de baixo para cima, e de cima para baixo,
de frente,
de trás.*

*Finalmente o seu jardim,
o seu desenho,
a sua presença,
a sua sinuosa linha orgânica art-nouveau,
a sua história de um século de vivências.*

*O seu bairro: Higienópolis.
O seu nome: Vila Penteado.
Seu portal de entrada,
os mosaicos do chão,
o saguão exuberante,
as madeiras escuras de jacarandá,
as cores, as cores, a luz de época,
os baixos-relevos de café, goiabas, florais,
os medalhões nos muros,
os quadros contando a indústria de São Paulo alcançando primeiros
os anos deste século,
as roseiras pintadas,
as folhas de begônia negra em relevo,*

*mobiliário e
banquinho em baixo da escada,
os recortes do teto ao longo do corredor, a escada,
de volta ao jardim,
o chafariz dos pingos d'água molhando ar, os passarinhos e seus
banhos,
bem-te-vis, sabiás, tico-ticos,
pardais, azulões, pombos.
Árvores, sombras, arbustos, pés de café, azaléias, grama negra,
andar, olhar...
Uma pausa para uma lembrança:
a casa que é escola dos arquitetos na USP, 1948..
Um espaço no tempo: hoje, 1994..
O seu nome: FAU Maranhão!
A escola que é casa de seus arquitetos mestres e doutores.*

Élide Monzeglio¹

A casa hoje está cheia.
Seus moradores homenageiam aquela que deu sua vida para torná-la
digna daqueles que hoje a habitam.

A casa hoje está triste. A professora Élide partiu.

Partiu, mas continua viva em cada parte, em cada detalhe dessa casa
e em cada um de seus alunos e funcionários que a acompanharam
durante todos esses anos.

Saudades.

(1) Texto apresentado na
disciplina Mensagens
Visuais Integradas
no curso de Pós-
Graduação da FAUUSP em
1994.